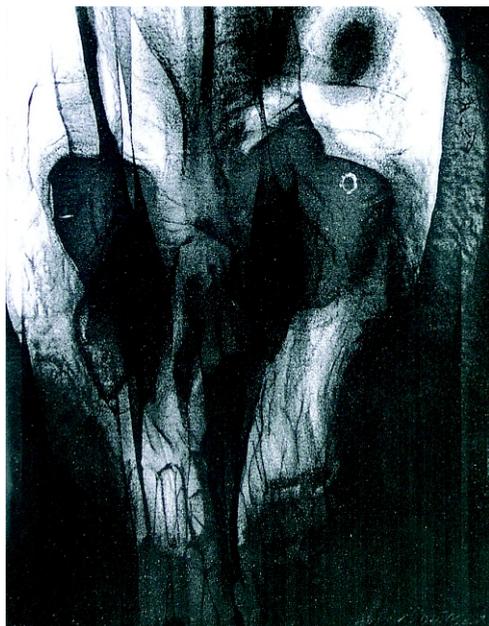


Ana Leonor Pereira  
João Rui Pita  
[Coordenação]

# Miguel Bombarda <sup>[1851-1910]</sup> e as singularidades de uma época



(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Leonor Pereira  
João Rui Pita  
(Coordenação)

# FOLHA DE ROSTO

**Miguel Bombarda (1851-1910)**  
**a as singularidades de uma época**

## Coordenação Científica da Coleção Ciências e Culturas

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por *referees*

## Coordenação Editorial

Maria João Padez Ferreira de Castro

## Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [impresauc@ci.uc.pt](mailto:impresauc@ci.uc.pt)

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de coleções

## Design

António Barros

## Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

## Capa

António Dantas. *Sem título*, 2002. Col. António Barros. Coimbra

## Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

## ISBN

978-989-8074-11-9

## Depósito Legal

.....

Obra publicada com a colaboração de:



Obra publicada com o apoio de:

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

© Agosto 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

## FARMÁCIA, MEDICAMENTOS E MICROBIOLOGIA EM MIGUEL BOMBARDA

O século XIX, século de «explosões científicas», para utilizar a expressão consagrada de René Taton, é também um período de enorme significado para as ciências da saúde, muito particularmente para os domínios da farmácia, terapêutica e microbiologia, os objectos que suscitaram esta nossa reflexão em torno de Miguel Bombarda.

Entre 1851 e 1910, respectivamente anos do nascimento e falecimento de Miguel Bombarda, opera-se o que podemos designar de revolução fármaco-terapêutica. É também período dourado da microbiologia que desponta como disciplina científica no quadro das disciplinas médicas, tendo como figuras tutelares e emblemáticas Pasteur e Koch.

A justificação para este estado de coisas é simples. Vejamos quais as inovações que marcaram a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX do ponto de vista fármaco-terapêutico. Desde logo, isolamento de substâncias activas que se iniciou nos primeiros anos do século XIX. São isolados princípios activos que se mostraram de interesse capital na produção medicamentosa e, do mesmo modo, desenvolvem-se outros agentes quimioterápicos. Entre os muitos exemplos que poderíamos dar assinalem-se, por exemplo, a pilocarpina, a cocaína, a heroína, entre os hipnóticos assinalem-se a descoberta do cloral, do sulfonal, do veronal, do luminal. É, também, o tempo da descoberta do ácido salicílico, do ácido acetilsalicílico, do desenvolvimento da opoterapia (ou medicação hormonal) com a descoberta e entrada na terapêutica de produtos como, por exemplo, a adrenalina. Em 1900 Landsteiner descobre os tipos sanguíneos ABO. Christian Eijkman em finais do século XIX desenvolve preocupações terapêuticas que vão desembocar na descoberta das vitaminas; em 1909 iniciaram-se os trabalhos em torno da vitamina A em função dos trabalhos de Hopkins e Stepp. Apuram-se os trabalhos sobre os anestésicos, que por volta dos anos 40 do século XIX iniciaram caminhada sem retorno, e que contribuíram decisivamente para a afirmação das especialidades cirúrgicas. A fisiologia experimental moderna lançada para a comunidade científica em função dos trabalhos profundos e metódicos de Claude Bernard permitiu reproduzir no laboratório os fenómenos orgânicos e com isso lançava-se, também, a possibilidade de se experimentarem os medicamentos e de se avaliarem as suas qualidades, laboratorialmente. Estavam lançados os dados para o desenvolvimento da farmacologia experimental que teve como pioneiros Rudolf Buchheim, Binz e Schmiedeberg. Também deve ser assinalado o nascimento da terapêutica experimental que teve como figura pioneira Paul Erlich que coloca a terapêutica experimental no patamar das disciplinas científicas. Ficou célebre o «seu»

salvarsan 606 e posteriormente o salvarsan 614, compostos mercuriais utilizados no tratamento da sífilis. Paul Erlich preconiza a existência de uma medicação semelhante às famosas «balas mágicas» por ele pensadas, isto é, uma medicação capaz de actuar no organismo humano, objectiva e selectivamente, destruindo os germes mas sem lesar o organismo. Deste modo, na medida em que Erlich estabelecia o primado da acção terapêutica do medicamento e da sua capacidade de actuação, relativamente à força curativa da natureza, é considerado como o nome maior da farmacologia do positivismo. Apuram-se novas formas farmacêuticas como as cápsulas gelatinosas, os injectáveis e os comprimidos. Vulgariza-se a utilização da gelatina e da glicerina nos medicamentos, apuram-se técnicas farmacêuticas destinadas a produzir medicamentos em grande escala mas com maior rigor fármaco-terapêutica. A produção de medicamentos em indústrias farmacêuticas passa a ser uma efectiva realidade, consolidando-se, gradualmente, este sector farmacêutico.

É longa, também, a lista de microorganismos descobertos na segunda metade do século XIX e que caracterizam, justamente, o nascimento e a afirmação da microbiologia como disciplina científica no seio das disciplinas médicas. As escolas de Pasteur e de Koch e toda a galeria de microbiologistas oitocentistas testemunham o valor das descobertas microbianas e a sua importância capital para a higiene, saúde pública e para o bem estar das populações. Nomes como os de Chamberland, Calmette, Yersin, Nicolle, Löffler, Gaffky, Hueppe, Pfeiffer, Conradi, Kitasato, entre muitos, partilharam interesses microbiológicos e através deles é possível observar o papel fulcral da microbiologia na comunidade científica. No último quartel do século XIX foram descobertos e isolados microorganismos responsáveis por doenças infecciosas que constituíam enorme preocupação para a comunidade médica e para as populações. Assim, passava a haver uma maior capacidade de actuação quer a nível terapêutico, quer a nível preventivo pois sabia-se a entidade responsável pela doença e as condições de vida que facilitavam a propagação dos micrororganismos. Foram identificados microorganismos responsáveis por doenças como o carbúnculo, a tuberculose, a cólera, o tétano, a peste, a febre tifóide, etc. A medicina tropical tomava, também, novos contornos com a descoberta do modo de propagação do parasita da malária. Assim, a higiene pública converte-se a partir de meados do século XIX numa disciplina experimental sustentada, entre outras, nos progressos operados na microbiologia e na estatística, tendo surgido o primeiro Instituto de Higiene em Munique, em 1875, fundado por Max Von Pettenkoffer.

Deste modo, conhecendo-se os microorganismos responsáveis pela propagação de uma dada doença, havia a possibilidade de tentar atalhar a progressão da doença através de terapêuticas medicamentosas, através de medidas preventivas individuais ou através de medidas preventivas colectivas. Este estado de coisas permitia, também, aos Governos legitimar mais consistentemente as suas actuações no plano da política sanitária justamente pela fundamentação científica que agora lhes era possibilitada. Assim, aumentava-se a base de sustentação e de actuação da medicina social na segunda metade do século XIX, e assim, de acordo com Juan Riera, «a saúde humana é um assunto de interesse social; a medicina é uma ciência social; as medidas para promover a saúde e lutar contra a doença devem ser não só médicas mas também sociais»<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Juan Riera, *Historia, Medicina y Sociedad*, Madrid, Pirámide, S.A., 1985, p. 406.

## Miguel Bombarda, microbiologia e saúde pública: a polémica com Eduardo Abreu

Na história da medicina portuguesa, Miguel Bombarda é essencialmente conhecido como psiquiatra. Teve, porém, outras preocupações. Basta estarmos atentos às polémicas que manteve na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* e às suas inúmeras publicações para verificarmos que estava consciente do que de mais actual se ia fazendo fora de Portugal nos diversos da medicina e das ciências da saúde. A fisiologia, a histologia e a microbiologia constituíram algumas das várias preocupações científicas de Bombarda. Julgamos, porém, que não se deve falar de Miguel Bombarda microbiologista ou fisiologista, tanto mais que Bombarda nunca centrou as suas atenções no trabalho laboratorial, nunca foi homem de laboratório, mas deve falar-se antes de Miguel Bombarda dinamizador ou divulgador da microbiologia e da fisiologia.

Miguel Bombarda faz eco dentro do país do que de mais avançado se ia fazendo no estrangeiro. Tentou dinamizar a histologia e a fisiologia enquanto ciências laboratoriais dando a conhecer a mentalidade fisiopatológica de Claude Bernard. Tentou, igualmente, dar projecção em Portugal à mentalidade etiopatológica tendo escrito bastante sobre as inovações pasteurianas e a figura de Pasteur. Manteve polémica violenta com Eduardo Abreu durante cerca de meio ano na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, a propósito da validade da vacinação contra a raiva, da qual era um forte defensor, embora não defendesse a obrigatoriedade da vacinação na população portuguesa. Esta polémica pode ser vista nas páginas da revista que Bombarda fundou e dirigiu em Lisboa, *A Medicina Contemporanea*. O periódico publicou em Janeiro de 1887 um extracto do relatório apresentado ao Governo por Eduardo Abreu. Para este médico, era bastante discutível o processo utilizado por Pasteur na profilaxia da raiva, metodologias de trabalho utilizadas e, também, os êxitos alcançados em França no tratamento e profilaxia da raiva. Eduardo Abreu era, também, defensor da fundação em Portugal de um estabelecimento destinado aos estudos bacteriológicos sugerindo que o Governo deveria ter a seus ombros esta importante iniciativa. Por isso, Eduardo Abreu é inequívoco ao abrir o seu relatório dizendo: «Na minha opinião, o sr. Pasteur não cura a raiva. E enquanto à tão apregoada eliminação da raiva, tenho a dizer que longe dela tender a desaparecer, está pelo contrário aumentado numa proporção verdadeiramente assustadora»<sup>2</sup>.

Nas páginas de *A Medicina Contemporanea* encontramos a polémica que durante cerca de meio ano envolveu Bombarda, Eduardo Abreu e outros médicos. Das palavras de Miguel Bombarda sobressai a admiração incondicional por Pasteur, não pelo seu trabalho científico, mas também, pelo seu perfil de homem de ciência; mas, também, sobressai a sua actualidade científica e a tentativa de dinamizar e divulgar dentro do país o que de mais actual se ia fazendo no estrangeiro em questões de microbiologia.

Na polémica que manteve na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, Eduardo Abreu, emissário a França do Governo português a acompanhar doentes raivosos e para avaliar e observar os trabalhos de Pasteur, era fortemente cáustico para os trabalhos do

---

<sup>2</sup> Eduardo Abreu, «A raiva (Extracto do relatório apresentado ao governo)», *A Medicina Contemporanea*, 5 (3) 1887, p. 17.

cientista francês. Colocava em causa as suas faculdades mentais, justificando o facto no acidente vascular cerebral que Pasteur havia sofrido, não dava valor ao laboratório onde as investigações se realizavam e dava pouca credibilidade à metodologia de trabalho utilizada por Pasteur e toda a sua escola de microbiologistas. Fazia salientar o fracasso das vacinações contra a raiva dizendo que se pode concluir que «depois do tratamento de Pasteur, morre-se mais de raiva»<sup>3</sup>. Em 1887 Eduardo Abreu dizia: «há cinco meses que Pasteur não está à frente dos seus trabalhos. Pasteur está doente em Itália, tratando da sua saúde, completamente perdido para a ciência porque não está no gozo das suas faculdades mentais»<sup>4</sup>. Ao descrever o laboratório em Paris onde se realizavam experiências sobre a raiva, Eduardo Abreu é brutalmente cáustico dizendo o extracto de acta o seguinte: «Assim não viu nada do que esperava, nem Pasteur fazendo experiências em animais, nem cães danados em gaiolas, e pelo contrário, achou impossibilidade de penetrar no laboratório e via injeções a indivíduos acerca das quais nem se indagava se haviam sido mordidos por animais, nem outras circunstâncias importantes nestes casos. Achou tudo isto irregular e parecia-lhe haver de sério somente as experiências, já feitas nos cães, nem uma na espécie humana; apenas dominava ali o medo e a enorme concorrência de pessoas supostas atacadas duma doença tão rara como a raiva é»<sup>5</sup>. Eduardo Abreu retratou sumariamente Pasteur dizendo que o retrato mais fiel para Pasteur era o de «paralítico e hemiplégico perfeito»<sup>6</sup>. Eduardo Abreu referia todavia que o que estava em causa era acima de tudo uma discussão científica, dizendo que «admira e venera muito Pasteur e os seus trabalhos, mas revolta o ver que os seus defensores mais enérgicos sejam jornais como *L'Univers*, jornais católicos de Espanha e em Portugal *A Ordem*, órgãos sabidos dos Jesuítas, e os quais taxam de materialistas os que discutem Pasteur, acusando-os de combaterem o sábio por causa das suas crenças e convicções religiosas e defendendo-o eles com argumentos de igual valor. Não é este o meio de discutir devidamente um facto científico e por esta razão entende dever ser cauteloso no modo de aceitar as descobertas sem às sujeitar à crítica racional»<sup>7</sup>. Para Eduardo Abreu, «Pasteur não cura a raiva; pretende fazer só profilaxia (...) Para o efeito profilático, faltam os fundamentos científicos, que houve nas outras vacinas, onde conhecidos os micróbios, atenuados e tendo-se verificado os seus efeitos, como doença benigna, se chegou, então cientificamente a obter a *vaccina*. Para estas, Pasteur exigiu isto tudo; para a raiva e para aplicar inoculações ao homem, não quis

---

<sup>3</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Acta da sessão de 25 de Junho de 1887, *A Medicina Contemporânea*, 5 (28) 1887, pp. 217-220.

<sup>4</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Extracto da sessão de 16 de Abril, *A Medicina Contemporânea*, 5 (19) 1887, pp. 149-150.

<sup>5</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Extracto da sessão de 14 de Maio, *A Medicina Contemporânea*, 5 (19) 1887, p. 162.

<sup>6</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Extracto da sessão de 14 de Maio, *A Medicina Contemporânea*, 5 (19) 1887, p. 162.

<sup>7</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Extracto da sessão de 14 de Maio, *A Medicina Contemporânea*, 5 (19) 1887, p. 162.

tanto»<sup>8</sup>. As opiniões de Eduardo Abreu foram rebatidas por Eduardo Burnay, Sousa Martins e Miguel Bombarda, tendo havido uma certa defesa de Eduardo Abreu por parte de Silva Carvalho. A discussão sobre a validade dos trabalhos de Pasteur arrastou-se com intervenções regulares de Miguel Bombarda que havia elaborado um relatório apresentado ao Conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa sobre a vacina da raiva<sup>9</sup> e onde se encontra já plasmado um atrito existente entre Abreu e Bombarda. Basta, por exemplo, estarmos atentos à parte final do relatório: «Deve-se estabelecer em Lisboa um instituto de bacteriologia anexo para vacinações anti-rábicas, instituto ligado à Escola de Medicina e dirigido por um professor que vá estudar a Paris a técnica pasteuriana e aí obtenha os animais inoculados de raiva necessários para que os trabalhos se encetem. A viagem científica do professor é essencial; nem os tubos de vacina, a que o sr. Abreu se refere no seu livro e de que ele é o único a falar, nem quaisquer trabalhos que ele tenha feito no seu modesto laboratório, podem por modo algum evitar aquela viagem»<sup>10</sup>. Enquanto que Bombarda acusa Eduardo Abreu de «tratar de pormenores»<sup>11</sup>, de «raciocinar *à priori*»<sup>12</sup>. Faz sublinhar que «O sr. Abreu está fora dos actuais métodos científicos, os seus raciocínios são *à priori*, o determinismo que em palavras tanto adora não tem os seus respeitos»<sup>13</sup>. Disse de Eduardo Abreu que «como experimentador, pouco vale»<sup>14</sup> acusando-o contrapor unicamente às experiências de Pasteur «as suas, sobre as quais diz, com louvável modéstia – e seguramente com verdade – que (...) não tem a aprendizagem experimental, bastante, para vir agora altivo, citar as suas experiências»<sup>15</sup>. Bombarda sublinha que o trabalho e a argumentação de Eduardo Abreu não passa de uma «controvérsia teológica», parafraseando um texto inserto na *Gazette Hebdomadaire*. Eduardo Abreu, dizia que a diferença entre ele e Bombarda era a seguinte: «um [Abreu], que vai a Paris, procura bem ver os factos, estuda, trabalha, sacrifica o seu tempo e a sua carreira, experimenta, e no fim de tudo, porque achou resultados diversos dos que Pasteur obteve, conserva-se numa prudente

---

<sup>8</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Acta da sessão de 25 de Junho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, p. 218.

<sup>9</sup> Miguel Bombarda, «A vaccina da raiva. Extracto do relatório apresentado ao conselho da Escola medico-cirurgica de Lisboa, pelo prof. Miguel Bombarda», *A Medicina Contemporanea*, 5 (14) 1887, pp. 105-108; 5 (15) 1887, pp. 113-116; 5 (17) 1887, pp. 129-132.

<sup>10</sup> Miguel Bombarda, «A vaccina da raiva. Extracto do relatório apresentado ao conselho da Escola medico-cirurgica de Lisboa, pelo prof. Miguel Bombarda», *A Medicina Contemporanea*, 5 (14) 1887, pp. 105-108; 5 (15) 1887, pp. 113-116; 5 (17) 1887, p. 132.

<sup>11</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Actas das sessões de 2 e 7 de Julho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5 (30) p. 235.

<sup>12</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Actas das sessões de 2 e 7 de Julho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5 (30) p. 235.

<sup>13</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Actas das sessões de 2 e 7 de Julho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5 (30) p. 235.

<sup>14</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Actas das sessões de 2 e 7 de Julho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5 (30) p. 235.

<sup>15</sup> Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Actas das sessões de 2 e 7 de Julho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5(30) p. 235.

dúvida; outro que sem ir ver, sem estudar a questão no lugar próprio, sem ter feito a mínima experiência, analisa um trabalho, socorrendo-se de documentos posteriores a ele e conclui terminantemente em favor daquilo que não viu e de experiências que não procurou, ao menos, repetir»<sup>16</sup>.

A polémica arrasta-se até Agosto de 1887. Nos últimos meses há o esgrimir de Bombarda e Sousa Martins, contra Eduardo Abreu e Silva Carvalho. A polémica assume, por vezes uma natureza sarcástica como o ridículo em que Eduardo Abreu colocou Sousa Martins, partidário incondicional das teorias pasteurianas ao dizer que este era capaz de eliminar os microorganismos de uma espátula na preparação de medicamentos por esmagamento destes. Dizia Abreu: «como S. Ex<sup>a</sup> timbra em querer explicar tudo, com a primeira teoria que lhe surge no cérebro, e depois timbra em sustentar essas teorias, ele orador [Eduardo Abreu] vai demonstrar que a explicação do S. Ex<sup>a</sup> para um homem da pujança intelectual do sr. Sousa Martins, deve ser classificada como uma fantasia, mas que se a mesma explicação saísse da boca doutro médico, sem a ciência e talento do respeitável Professor – seria classificado como *asneira* – e o seu autor teria de lutar para sempre com o epíteto de *Calino*.»<sup>17</sup>.

Miguel Bombarda tinha a consciência de que a aplicação da vacinação, nomeadamente, a aplicação das inovações pasteurianas à higiene era um passo decisivo para a melhoria das condições de vida da população. Estava também consciente de que em Portugal as questões de política sanitária e a implantação de medidas de higiene eram decisivas e para isso é importante a fundação de um Instituto Central de Higiene que formasse médicos sanitários num país em que a higiene pública «é hoje a miséria mesma, quer como ensino, quer como aplicação»<sup>18</sup> e que a criação desse instituto «seria contrariar desgraçadamente um dos mais importantes progressos que em matéria de medicina pública se têm empreendido em Portugal»<sup>19</sup>. Também são esclarecedoras as palavras de Miguel Bombarda a propósito das medidas sanitárias que era urgente tomar em Portugal, por exemplo, no artigo que redigiu a propósito da peste em Portugal. Refere Bombarda: «Não é pois aos governos que se devem impor as responsabilidades da situação que atravessamos. É ao povo e só ao povo. Pois se nós estamos num país em que ainda se fazem preces públicas a pedir a Deus Nosso Senhor que nos livre da epidemia e em que médicos há que ousam escrever publicamente que não acreditam na epidemia da peste, porque epidemia significa grande número de doentes e grande número de óbitos e porque não acreditam em micróbios! Verdade seja que dizem com toda a seriedade que o vão processar, o que nos permite esta última exclamação. Pois se estamos num país em que se processam médicos por terem em ciência opiniões, por mais abstrusas que sejam!»<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Acta da sessão de 25 de Junho de 1887, *A Medicina Contemporanea*, p. 218.

<sup>17</sup> Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Acta da sessão de 6 de Agosto de 1887, *A Medicina Contemporanea*, 5 (37) 1887, p. 291.

<sup>18</sup> Bombarda, M., «Instituto Central de Hygiene», *A Medicina Contemporanea*, 18 (7) 1900, p. 53.

<sup>19</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54

<sup>20</sup> Bombarda, Miguel, «A peste em Portugal», *A Medicina Contemporânea*, 17 (36) 1899. p. 304.

## Miguel Bombarda, farmácia e medicamentos

Do maior interesse é, igualmente, a sensibilidade de Miguel Bombarda para assuntos de natureza farmacêutica e de produção medicamentosa. Bombarda por várias vezes reflectiu sobre o interesse da produção medicamentosa e da existência de farmácia, considerando a prestação de cuidados farmacêuticos uma «obrigação de velar pelos interesses mais sagrados das populações». Bombarda vive justamente num período de industrialização acentuada da produção medicamentosa. Da passagem da farmácia artesanal para a farmácia industrial e está consciente desta alteração que se operava na farmácia. Miguel Bombarda estava consciente da revolução terapêutica que se operava em torno da produção medicamentosa, não só ao nível das matérias-primas mas, também, ao nível das próprias formas farmacêuticas. Miguel Bombarda fala mesmo de «uma verdadeira febre de descobertas em matéria médica, tanto na clínica especial como na clínica comum»<sup>21</sup>.

São extremamente interessantes as considerações que faz a propósito da preparação medicamentosa no relatório que elaborou sobre o Hospital de Rilhafoles para o ano de 1892/93. Diz Miguel Bombarda: «A falta da distribuição dos doentes por categorias, bem como a provisória inutilização do estabelecimento hidroterápico em reconstrução, a carência de um local onde se faça uma instalação electroterápica, a privação enfim de oficinas e de mais terreno de cultura em que se possam empregar os doentes, tudo isto se reduziu este ano o tratamento em Rilhafoles a ser quase exclusivamente um tratamento farmacológico. Neste ponto encontrei-me logo de princípio com uma dificuldade que a simplificação do serviço exigia se removesse rapidamente – a falta dum formulário especial»<sup>22</sup>. Se, por um lado, Miguel Bombarda estava consciente da importância da hidroterapia e da electricidade médica, por outro lado estava igualmente consciente que «nestes últimos tempos tem-se multiplicado o número de medicamentos especialmente destinados ao tratamento da loucura e das doenças nervosas e era necessário formular em todos os dias nas requisições a fazer para a farmácia»<sup>23</sup>. Por isso, sublinhava que «tornava-se pois necessário elaborar para Rilhafoles o que de há muito anda feito no hospital de S. José – um formulário que incluísse os medicamentos mais seguros, aqueles que têm dado mais provas da sua eficácia e dispondo-os em fórmulas especiais reduzir a simples números as receitas a escrever. Daqui nasceu o formulário»<sup>24</sup>. Miguel Bombarda vai mais longe ao referir que aos anexos ao formulário do Hospital de S. José se podiam adicionar outros medicamentos com particular interesse para as doenças mentais. Inclui 28 novas formulas que lhe pareciam «excelentes ou têm recebido aplicação na especialidade»<sup>25</sup>.

O apêndice ao formulário proposto por Miguel Bombarda era o seguinte<sup>26</sup>:

---

<sup>21</sup> *A Medicina Contemporânea*, 1894, p. 43.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> *Idem*.

<sup>25</sup> *Idem*, p. 43.

<sup>26</sup> *Idem*, pp. 43-45.

A - Borato de soda em pó fino – vinte e cinco centigramas.....	0,25
Em um papel.	
B - Brometo de etilo – dez gramas.....	10
Em um vidro.	
C - Cloralose em pó fino – cinquenta centigramas .....	0,50
Em um papel.	
D - Empolas de nitrito de amilo de cinco gotas.....	nº 1
E - Empolas de cloreto de etilo de vinte gramas.....	nº 1
F - Hipnal em pó fino – um grama .....	1
G - Pental – dez gramas.....	10
Em um vidro.	
H - Fenacetina em pó fino – trinta centigramas.....	0,30
Em um papel.	
I - Pílulas de aconitina:	
Aconitina amorfa – meio miligrama .....	0,0005
Extracto de meimendro – dois centigramas .....	0,02
F.S.A. uma pílula.	
J - Pílulas de cloreto de ouro e de sódio:	
Cloreto de ouro e de sódio – um centigram .....	0,01
Extracto de doce-amarga – um centigrama.....	0,01
F.S.A. uma pílula.	
K - Poção de acetato de zinco:	
Acetato de zinco – dois gramas.....	2
Solutu gomoso – auqrenta e oito gramas.....	48
Dissolva.	
L - Poção de azotato de soda:	
Azotato de soda – três gramas .....	3
Água destilada – trinta e sete gramas .....	37
Xarope comum – dez gramas.....	10
Dissolva o azotato na água; junte o xarope.	
M - Poção de bromofórmio:	
Bromofórmio – cinco gotas .....	V
Essência de canela – três gotas.....	III
Glicerina – cinquenta gramas .....	50
Misture. Agite o frasco quando usar.	
N - Poção de butil-cloral	
Butil-cloral hidratado – um grama.....	1
Glicerina – seis gramas .....	6
Água destilada – quarenta e três gramas.....	43
Misture	
O - Poção de cólquico e acónito:	
Tintura de cólquico – sete gotas .....	7
Tintura de acónito – três gotas.....	III
Água destilada – cinquenta gramas .....	50
Misture.	

P - Poção de éter acético:	
Éter acético – dez gotas .....	X
Soluto gomoso – cinquenta gramas.....	50
Misture.	
Q - Poção de gelsemium:	
Tintura de gelsemium – cinco gotas .....	V
Soluto gomoso – cinquenta gramas.....	50
Misture.	
R - Poção de hidrato de cloral e cloridrato de morfina:	
Hidrato de cloral – um grama .....	1
Cloridrato de morfina – um centigrama .....	0,01
Água destilada – trinta e nova gramas.....	39
Xarope de casca de laranja azeda – dez gramas .....	10
Dissolva o cloral e a morfina na água; junte o xarope.....	
S - Poção de hipnal:	
Hipnal – um grama.....	1
Água destilada – trinta e nove gramas.....	39
Xarope de casca de laranja azeda – dez gramas .....	10
Dissolva o hipnal na água – junte o xarope.	
T - Poção de somnal:	
Somnal – dois gramas .....	2
Água destilada – trinta e oito gramas.....	38
Xarope comum – dez gramas.....	10
Dissolva o somnal na água; junte o xarope.	
U - Poção de trinitrina:	
Soluto alcoólico de trinitrina a 1 por 100 – duas gotas.....	II
Água destilada – cinquenta gramas .....	50
Misture.	
V - Soluto de cânfora (1ª fórmula):	
(Para injeção hipodérmica)	
Cânfora – cinquenta centigramas.....	0,50
Dissolva em azeite esterilizado q.b. para completar dez centímetros cúbicos.	
W - Soluto de Cânfora (2ª fórmula):	
(Para injeção hipodérmica)	
Cânfora – um grama .....	1
Dissolva em éter sulfúrico q.b. para completar dez centímetros cúbicos.	
X - Soluto de extracto de ópio:	
(Para injeção hipodérmica)	
Extracto aquoso de ópio – cinquenta centigramas .....	0,50
Água destilada – oito gramas.....	8
Dissolva; junte glicerina q.b. para completar dez centímetros cúbicos.	

Y - Soluto de fosfato de sódio: (Para injeção hipodérmica)	
Fosfato neutro de sódio – dois decigramas .....	0,2
Dissolva em água de loureiro-cerejeira q.b. para completar dez centímetros cúbicos.	
Z - Timacetina em pó fino – vinte e cinco centigramas .....	0,25
Em um papel.	
AA -Tetronal em pó fino – um grama .....	1
Em um papel.	
BB -Trional em pó fino – um grama .....	1
Em um papel.	

Miguel Bombarda refere que a elaboração daquele formulário obedeceu a um número de necessidades. Entre as mais urgentes sublinha a abolição da colher como medida (o que considerava muito subjectiva) e depois facilitar a administração do medicamento. Por isso refere que «tudo quanto seja simplificar num hospital de loucos, onde a maior parte dos doentes não estão submetidos a qualquer tratamento farmacêutico, onde a tendência dos encarregados da enfermagem é nivelar todos os doentes pelos crónicos, pelos incuráveis, tudo quanto seja simplificar, repito, é uma vantagem para o doente em tratamento e uma garantia de que as prescrições médicas serão fielmente cumpridas»<sup>27</sup>.

Miguel Bombarda estava consciente de que se vivia um enorme período de efervescência fármaco-terapêutica. Referia que a terapêutica farmacológica atravessava naquela momento um período de «febre e de confusão que têm tornado muito pouco nítidas as ideias dos alienistas a respeito da multidão dos novos remédios propostos»<sup>28</sup>. Contudo, considerava que os medicamentos por ele propostos tinham «efeitos verdadeiramente brilhantes»<sup>29</sup>. Assim, notava que as injeções hipodérmicas de hiosciamina nos doentes com forte agitação muscular e nas manias furiosas tinha uma acção muito calmante e hipnótica. Nos casos de *delirium tremens* mais agudos recomendava altas doses de cloral e de morfina. Ergotina em injeção hipodérmica era indicada, por exemplo, em casos de «delírio agudo». Depois sublinhava a acção hipnótica de substâncias como o trional, tetronal e metilal, destacando a acção do trional referindo que se tratava de «um dos mais poderosos hipnóticos, senão o primeiro deles». Contudo, dizia que ainda não dispunha de dados suficientemente válidos para dizer o mesmo de um produto muito utilizado na época, o bromofórmio. Também referia que as injeções hipodérmicas de morfina nos estados melancólicos lhe pareciam preferíveis às injeções de ópio, tendo-se pronunciado igualmente sobre a eficácia dos brometos na epilepsia.

<sup>27</sup> *A Medicina Contemporânea*, 1894, p. 45.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 46.

## Miguel Bombarda, hidroterapia e electroterapia

No referido relatório que elaborou sobre o Hospital de Rilhafolles para o ano de 1892/93, Miguel Bombarda aborda, igualmente, a problemática da hidroterapia e da electroterapia. Isto é: duas vertentes terapêuticas que entre finais do século XIX e meados do século XX assumiram um papel de relevo na terapêutica afim da terapêutica medicamentosa.

Miguel Bombarda sublinhava que o Hospital de Rilhafoles estava bem montado no que diz respeito a banhos de imersão embora reconhecesse que os outros modos de aplicação da água deixavam bastante a desejar, em parte pela falta de espaço existente. Bombarda era minuciosa nas propostas que realizou com vista à hidroterapia passar a constituir «um dos mais importantes recursos terapêuticos do hospital»<sup>30</sup> embora considerasse que o recurso à hidroterapia deveria ser rodeada da maior atenção dado que por exemplo existiriam, no seu entender, «perigos que acompanham este tratamento quando é necessário forçar os doentes e eles opõem uma grande resistência»<sup>31</sup>.

No mesmo relatório Miguel Bombarda refere-se à electroterapia. Indica que o único material electroterápico existente em Rilhafoles era uma máquina de GaiFFE de correntes intermitentes, não havendo local para fazer qualquer instalação electroterápica. Miguel Bombarda referia que a electricidade médica era «útil no tratamento das doenças nervosas comuns»<sup>32</sup>, sublinhando que deveria ser muito mais utilizada do que até então era. Vincava que tal como a hidroterapia, a electroterapia poderia ser uma fonte de rendimento para o hospital, assim fosse devidamente organizada, montada e posta em funcionamento uma unidade dessa natureza. Adiantava mesmo um conjunto de aparelhos que no seu entender eram essenciais: «uma máquina electrostática de Whimhurst, grande modelo, uma meza electroterapêutica com uma bateria de 36 elementos, um galvanómetro, um aparelho de bobinas, um combinador de Wateville, comutadores, excitadores, etc.»<sup>33</sup>.

Deste modo, Miguel Bombarda estava consciente do valor da hidroterapia e da electroterapia na medida em que se sintonizava com o que de mais actual se ia fazendo naqueles domínios terapêuticos.

## Conclusões

Com o presente trabalho pretendemos contribuir para o estudo das ciências farmacêuticas em Portugal entendidas em sentido amplo. Pretendemos, igualmente, avaliar o modo como Miguel Bombarda interpelava essas mesmas ciências. Concluímos, positivamente sobre a actualidade científica de Bombarda em matérias de farmácia e de medicamentos, bem como em terapêuticas afins da terapêutica medicamentosa, como é o caso da hidroterapia e da electroterapia.

---

<sup>30</sup> *A Medicina Contemporânea*, 1894, p. 47.

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 48.

<sup>33</sup> *Idem*.

**Resumo** – Miguel Bombarda é uma figura multifacetada da história da medicina portuguesa. Mesmo dentro da sua actividade docente e científica, Miguel Bombarda, conhecido como psiquiatra, teve preocupações diversas. Basta estarmos atentos às polémicas que manteve na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e às suas publicações para verificarmos que estava consciente do que de mais actual se ia fazendo fora de Portugal nos diversos domínios da medicina e das ciências da saúde.

Miguel Bombarda fez eco dentro do país do que de mais avançado se ia fazendo no estrangeiro. Tentou dinamizar a histologia e a fisiologia enquanto ciências laboratoriais dando a conhecer a mentalidade fisiopatológica. Tentou, igualmente, dar projecção em Portugal à mentalidade etiopatológica tendo escrito bastante sobre as inovações pasteurianas e a figura de Pasteur. Manteve polémica na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa com Eduardo Abreu, a propósito da validade da vacinação contra a raiva, da qual era um forte defensor. Em diversos textos publicados, Miguel Bombarda esforça-se por dinamizar a experimentação microbiológica e por dar a entender os benefícios das descobertas microbiológicas não só na prevenção da doença mas também na afirmação da robustez física da população.

Miguel Bombarda estava atento, também, ao que de mais actual se fazia na terapêutica das doenças mentais, muito particularmente na produção medicamentosa. Se observarmos alguns dos seus escritos, bem como os relatórios que elaborou sobre o Hospital de Rilhafoles apercebemo-nos que Miguel Bombarda tinha preocupações farmacoterapêuticas. Bombarda tem a consciência de que se operava na farmacologia uma autêntica revolução e essa consciência traduzia-a numa enorme prudência para com a medicação a utilizar no Hospital de Rilhafoles. É interessante avaliarmos o apêndice e seus anexos ao Formulário de medicamentos do Hospital de S. José feito a pensar no Hospital de Rilhafoles e os comentários que Miguel Bombarda teceu. Miguel Bombarda tentou aliar os medicamentos às terapêuticas físicas até então utilizadas nos doentes mentais, como era prática habitual. Pós, cápsulas, grânulos, pílulas, poções, alguns solutos injectáveis, xaropes, são algumas das formas farmacêuticas escolhidas por Bombarda para veicular substâncias activas que conciliam os produtos de origem vegetal e os de origem química como, por exemplo, diversos brometos, a cânfora, derivados do ópio, pental, sulfonal, etc. uma terapêutica que incluía essencialmente medicamentos no arsenal terapêutico.

Na presente conferência veremos então como Miguel Bombarda se encontrava bem desperto para as questões microbiológicas e farmacoterapêuticas e para a sua importância para a medicina da época.

**Abstract** – Miguel Bombarda is a multifaceted figure in the history of Portuguese medicine. Even in his teaching and scientific activity, Miguel Bombarda (known as psychiatrist) had different cares. If we pay attention to the controversy he held in the Medical Science Society of Lisbon and to the work published, we realize that he was aware of the most recent activity in the fields of medicine and sciences of health outside Portugal.

In Portugal, Miguel Bombarda was the echo of the most advanced activity that was taking place abroad. He tried to point out the importance of histology and physiology as laboratorial sciences by showing the physiopathological mentality. He also tried to give prominence to etiopathological mentality in Portugal, writing many pieces about Pasteur and his innovations. He held a controversy with Eduardo Abreu in the Medical Science Society of Lisbon about the validity of the anti-rabies vaccine, which he strongly defended. In several texts published, Miguel Bombarda makes an effort to stimulate microbiological experiments and to show the benefits of microbiological discoveries not only in the prevention of illness, but also for the physical robustness of the population.

Miguel Bombarda was also aware of the most recent activity in mental disease therapeutics, especially as far as the production of medicines was concerned. If we analyze some of his pieces of writing, as well as the reports he made about Rilhafoles Hospital, we realize that Miguel Bombarda had pharmacotherapeutical cares. Bombarda was conscious of the fact that a true revolution was taking place in pharmacology, and that conscience was revealed in the enormous prudence he had in the use of medicines in Rilhafoles Hospital. It is interesting to analyze the appendix and annexes to the Formulário of medicines in S. José Hospital (which was elaborated with Rilhafoles in mind) as well as the comments made by Miguel Bombarda. Miguel Bombarda tried to combine medicines with the physical therapeutics used until then in the mental patients, a common practice at the time. Powders, capsules, granules, pills, potions, some solutions to be injected, syrup... these are some of the pharmaceutical forms chosen by Bombarda to give the patient active substances that combine products of vegetal origin and products of chemical origin, such as several bromides, camphor, pental, sulphonal, opium by-products, etc... a therapy that essentially included medicines in the therapeutic arsenal.

This conference aims at analyzing how Miguel Bombarda was actually aware of microbiological and pharmacotherapeutical questions and their importance to medicine at that time.

(Página deixada propositadamente em branco)

1 Coleção  
Ciências e Culturas  
Coimbra 2006

